

Quanto à Questão Coroadó*

Regarding the Coroadó question

Curt Unkel Nimuendajú

No extenso relato do Sr. Miguel Bezerra dos Reis no “Estado”¹, referente ao último ataque de índios na ferrovia noroeste, levanta-se no fim a dupla afirmação: primeiro, que o ataque não teria sido realizado por índios selvagens, mas sim por índios amansados² e, segundo, que pessoas não indígenas estiveram entre os atacantes.

O Sr. Miguel Bezerra exprime com isso, como ele próprio acrescenta, apenas um pensamento com o qual no sertão somos absolutamente familiarizados. Quem estiver interessado nisso pode, diariamente, por todos os lugares da fronteira, obter com os índios a confirmação que vem em forma de numerosos exemplos. Depois de detalhado exame da situação, o autor chegou à conclusão de que ambas as afirmações devem ser encaradas com dúvidas, e da parte dos suspeitos uma justificação provavelmente nunca chegará ao público, então que lhe seja permitido aqui apresentar as suas ponderações.

Considerando a péssima fama de que o índio amansado desfruta no sul do Brasil inteiro, a primeira acusação – de que os malfeitores fossem índios amansados – cai em solo fértil, princi-

¹ Nimuendajú está se referindo à matéria “Uma tragédia” escrita por Miguel Bezerra da Silva no dia 03/07/1910 e publicada no jornal *O Estado de São Paulo* [nota da presente edição].

² Nota-se, a partir da leitura do Inquérito policial sobre o assassinato do Padre Claro Monteiro do Amaral, realizado entre maio e junho de 1901, que era frequente acusar os “índios mansos” (Guarani) do sertão de Bauru quando ocorria um assassinato. Na ocasião da apuração dos fatos do assassinato do Padre Claro Monteiro do Amaral, vários colonos da região tentaram acusar os Guarani deste fato. No depoimento feito por Carlos Marques da Silva, por exemplo, pôde-se ler que “os índios mansos” são “pouco afeitos ao trabalho, dados ao vício da bebidas alcóolicas, covardes e traiçoeiros” e que por isso julga que eles tenham sido “capazes de prática de quaisquer atos de traição e covardia e mesmo terem levantado o seu braço para assassinar aquele que os levava em sua expedição” (Inquérito Policial aberto pela 5ª Delegacia da Capital sobre a morte de Monsenhor Claro Monteiro, 1901, Arquivo Público do Estado de São Paulo) [nota da presente edição].

* Publicado originalmente no jornal *Deutsche Zeitung*, 19/07/1910. Tradução de Peter Welper.

palmente aí onde conhecem apenas o termo “bugre” e ignoram a que tribo ele pertence. O estranho caráter acanhado do índio amansado, seu esforço para ocultar os antigos costumes diante do olhar dos que neles não são iniciados, fazem-no parecer pouco confiável aos olhos de muita gente. Acontece que, no nosso Estado, o número de índios amansados que se pode cogitar para tais assaltos é tão pequeno – aproximadamente apenas 100 cabeças – que não seria difícil de descobrir entre eles os malfeitores.

Trata-se de dois pequenos grupos tribais. Aquele no qual a suspeita cairá provavelmente em primeiro lugar é o dos Guarani do rio Batalha, não muito distante da estação Jacutinga da ferrovia Noroeste. Ele é constituído por sessenta cabeças, cuja menor parte está subordinada ao controle do cacique José Francisco Honório Avacauju, e a maior parte, devido ao açulamento dos brasileiros nas redondezas, se dispersou por fazendas vizinhas ficando diretamente hostil ao seu chefe legalmente reconhecido³. Contra os Guarani e de forma particular contra essa horda começaram [ilegível]. Por um lado trata-se do fato de que querem ter reconhecido no chefe do ataque no Córrego dos Pintos, perto de Avanhandava, onde em 1887 sucumbiram onze colonos, o cacique dos Guarani, Fortunato de Itapura⁴. Essa observação, entretanto, deve ser um engano absoluto, pois naquele tempo o citado cacique se encontrava junto com sua horda na parte mais ao sul de Mato Grosso, isto é, se ele ainda estava vivo já que sua morte ocorreu justamente naquele período. Igualmente improvável é a segunda acusação de que os guarani da horda do rio Batalha

³ Em 1908, Nimuendajú já fazia referência a esse conflito pelo cargo da capitania das aldeias guarani no interior do Estado de São Paulo. “Mesmo depois de nomeado capitão, Avacaujú (José Francisco Honório) estava longe de se ver livre das intrigas dos adversários. Antes do mais, trataram de convencer a Tangaraju, homem ambicioso, mas um pouco velhaco, de que era ele que deveria caber o posto de Avacaujú. Com a maior facilidade, Tangaraju aceitou esse ponto de vista, portando-se de maneira correspondente, o que deu origem a desentendimento aberto entre ele e Avacaujú, em consequência do qual Tangaraju, levando consigo quase a metade da tribo, foi estabelecer-se a jusante, na margem oposta do Jacutinga, onde os Guarani ficaram inteiramente na dependência do fazendeiro José Soares. Mas também não quiseram que Avacaujú continuasse como capitão dos restantes” (Nimuendajú, 2013 [1908], *neste número*) [nota da presente edição].

⁴ Nimuendajú se refere assim a este cacique numa nota de rodapé do texto “Apontamentos sobre os Guarani”: “Na década de 70 do século passado [1870], e talvez até antes, existiu perto de Itapura numerosa horda guarani, sob o governo do Capitão Fortunato e dois sub-capitães, e sob a inspeção do diretor da colônia militar aí existente. A essa horda veio juntar-se ainda, pelos fins daquela década, o Capitão José Vitorino (Ñiãovijychy?), o qual, vindo de Mato Grosso com pequeno bando se estabelecera primeiro por pouco tempo no rio Verde, descendo depois o Paranapanema e subindo o Paraná, para ir morar numa fazenda da barra do Tietê, de onde finalmente se dirigiu para Itapura. Em consequência do tratamento um tanto enérgico da parte do diretor da colônia, o capitão Fortunato fugiu repentinamente Paraná abaixo, seguido da grande maioria de seus Guarani. Não sei qual a luminosa inteligência que mais tarde inventou no sertão a história, tida ainda hoje como absolutamente certa por todo sertanejo de Avanhandava, de que o capitão Fortunato teria dirigido os Coroado na ocasião em que estes, em 1887, massacraram onze pessoas no Córrego dos Pintos [...]”

teriam assassinado o missionário Monsenhor Claro Monteiro, quando este descia o rio Feio em maio de 1901. Pelo fato de, nessa ocasião, terem por aí tombado também o pai do atual cacique e mais outro fiel guarani⁵, dizem que provavelmente o missionário teria matado os dois em legítima defesa. Na verdade, conhece muito mal os índios quem pensa que eles dariam a alguém que está totalmente em suas mãos – como estaria o Monsenhor Claro Monteiro em tais circunstâncias – a oportunidade para legítima defesa. Além disso, os guarani chegaram a sua aldeia fugindo, meio mortos de exaustão e sem terem salvado absolutamente nada, sendo seguidos de perto por seus inimigos ferozes que traziam o fogo e a morte. Esse fim com horror, já tinha sido anteriormente profetizado: em 1905, não muito longe desse mesmo lugar, tiveram a expedição e também a Comissão Geográfica dois embates com os Coroados.

Nenhum sertanejo que conhece de forma mais íntima e individual os membros daquela horda de Guarani irá jamais levantar tais acusações, sempre quem as faz são pessoas, que, como os habitantes do sertão de Avanhandava, só sabem por ouvir dizer que algures haveria além dos selvagens também “bugres” amansados. Os Guarani são pacíficos e não agressivos por natureza, exatamente assim como os Oti-Chavante de Campos Novos, que também foram exterminados sem que um só sequer tivesse virado sua arma contra seus verdugos em legítima defesa. Todavia existem pessoas que têm um ódio instintivo desse povo coitado, e outras que, por não conseguirem chegar aos selvagens Coroados, descarregam suas vinganças num “bugre” qualquer. Por isso tenham cautela e que as minhas palavras cheguem até o lugar competente, para que no nosso Estado não aconteçam cenas como as do rio Papagaio na Vacaria (Mato Grosso), onde por uma vaga suspeita fizeram 12 mulheres e crianças Guarani pagar por assassinatos cometidos pelos selvagens Opaié-Chavante⁶.

⁵ Nimuendajú está se referindo respectivamente aos guarani José Honório Araguyra (pai de José Francisco Honório Avacaju) e Avajogueraa, ambos mortos na expedição do Padre Claro Monteiro do Amaral ao rio Feio em 1901 [nota da presente edição].

⁶ Nimuendajú se refere mais longamente a este incidente no “Relatório sobre os Xavante de Mato Grosso (1913)” publicado postumamente na coletânea *Etnografia e Indigenismo* organizada por Marco Antonio Gonçalves em 1993. Após relatar brevemente um ataque dos Ofaié-Xavante aos moradores da Vacaria no Mato Grosso do Sul, Nimuendajú descreve a expedição de vingança que se seguiu contra os indígenas, dirigida pelo sertanista Manoel Nogueira, irmão do defunto João Nogueira. “Descendo pelo rio do Papagaio para o lado do Ivinheima, deram numa rancharia de Kaiuá, onde assassinaram 8 a 10 pessoas pacíficas e inofensivas. Dizem uns que mataram estes Kaiuá por engano, convencidos de que eram Ofaié. Outros contam que os Kaiuá receberam os bugreiros de arco e flechas na mão, e que estes fizeram fogo sobre eles em legítima defesa. D. Ramón Coimbra soube que um dos bugreiros achou num rancho um objeto que ele reconheceu como propriedade do defunto Nogueira, e que ele tomou como prova que os Kaiuá tinham assassinado este morador. A verdade, penso eu, será talvez que os bugreiros saíram, resolvidos de matar quantos índios que encontrassem e de

Muito mais suspeito para quem não conhece o ódio furioso existente entre as diversas hordas da tribo dos Coroados, parece o segundo grupo dos índios amansados que aqui estão em questão, pois eles são de fato membros da mesma tribo dos selvagens embora os amansados estabelecidos em Jatahy no Estado do Paraná, sejam da horda Chokren e os selvagens do nosso Estado formem a horda Iakuadekteie. Essa gente veio do Paraná no princípio dos anos noventa do século passado e mereceu, em São Paulo, a fama de trabalhadores de campo diligentes e competentes, como bem atestado pelo engenheiro Olavo Hummel no seu relatório sobre a inauguração da estrada ao rio Paraná. Apesar de, durante as obras, terem sido assassinados por seus companheiros de tribo selvagens, não menos que 12 dos imigrantes, as suspeitas continuavam por uma parte dos habitantes do sertão, e essa ingratidão desdenhosa bem como o ódio terrivelmente sangüinário dos selvagens fizeram, finalmente, a maior parte voltar novamente ao Paraná. O resto, 30 a 40 cabeças, retirou-se para uma fazenda na nascente do rio São João no município de São Pedro do Turvo, onde até hoje continuam morando. Tanto quanto os dissidentes Guarani do rio Batalha, eles são numericamente muito fracos para poder empreender qualquer coisa, e sua ausência também seria logo notada pelos vizinhos brasileiros. Também não conseguiriam fazer, de maneira alguma, uma tentativa de contato traiçoeiro com os selvagens, já que estes alimentam um ódio mortal por tudo que não faz parte de sua horda e mesmo por membros da própria horda que tenham fugido da prisão para o mato, se a duração de sua prisão despertar a suspeita de que o referido poderia ter-se passado para o partido do inimigo.

Os Guarani amansados do rio Verde e Conceição de Itanhaém não nos podem interessar por causa da grande distância entre a sua morada e o lugar dos assassinatos, os Opaié-Chavante só em janeiro de 1909 seguiram para São Paulo e outros grupos maiores de índios amansados nem mais existem no nosso Estado.

II

Mais difícil torna-se a contestação da segunda afirmação: de que tivesse havido elementos não indígenas entre os atacantes e com efeito de cor clara e cabelos ruivos, ou como outros se expressam mais precisamente, alemães. No sertão de Campos Novos, nunca nada foi relatado ao autor embora os índios invasores sejam os mesmos que intranquilizam a ferrovia Noroeste. Por outro

acabar com a bicharia, fosse lá qual fosse a nacionalidade" (NIMUENDAJÚ, Curt. *Etnografia e Indigenismo: sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará*, p. 104, 1993 [1913]) [nota da presente edição].

lado, existe gente no sertão de Bauru e Avanhandava que jura pela felicidade de sua mãe, a “presença” de alemães no meio dos selvagens.

Já Friedrich Phillip Von Martius repara que os “Cames” (Coroado) do interior de São Paulo eram uma “colluvies gentium”, a qual entendeu como transitório de um tropel de estilhas e restos de todas as tribos possíveis e elementos estranhos.

As pesquisas posteriores provavam que a opinião do grande cientista sobre os Coroados era tão impropriedade quanto aquela sobre os Bororo e outras tribos as quais igualmente via como “colluvies gentium” e as quais se averiguaram como nacionalidades contínuas e bem definidas.

Hoje o boato se apoia nos três seguintes fatos. Primeiro: teriam sido vistos em vários ataques indivíduos do tipo claro. Segundo: o “bugreiro” (caçador de índios) Luiz Wolf trouxe como raridade de uma ocupação no fim dos anos 90, um garoto Coroados de pele e olhos surpreendentemente claros e de cabelos ruivos. Terceiro: os coroados por ocasião do seu ataque a Cristian Olsen teriam chamado em alemão, na verdade, não exatamente em alemão, mas em *brasileiro* tendo até pronunciado palavras. Quanto ao primeiro argumento deve se considerar que a lenda do índio “branco” é divulgada por toda a América do Norte e do Sul, mas até hoje, em lugar nenhum, resistiu à pesquisa científica. Na América do Norte, George Catlin a reduziu à tribo dos Mandan, no grande arco do Missouri, onde ocasionalmente apareceriam pessoas de pele clara e também de olhos claros, embora naquele tempo a mistura de sangue fosse impossível. No Brasil haveria índios brancos, que são pouco conhecidos e extremamente acanhados, no Amazonas. Além destes, vêm sendo relatados como sendo desse tipo os misteriosos “Guaianã”, que no rio das Cinzas inferior, no Paraná, invadem ocasionalmente com matança e fogo. Que a cor da pele nas diversas tribos possa ser diferente comprovam os reconhecidamente claros Boroanos, no sul do Chile, e os Iuracaré da Bolívia. Que a cor, no entanto, também pode diferir muito entre diversos membros da mesma horda está igualmente constatado. Principalmente os indivíduos mais novos são de uma cor bastante clara. O cabelo das crianças indígenas é na maioria dos casos avermelhado, cor de ferrugem, ainda que não seja propriamente louro, e só com o tempo tornar-se-á negro. O autor conhece também um Guarani da horda do rio Batalha (Vergílio Tavya), de sangue indubitavelmente puro, que, na face tipicamente indígena com olhos rasgados, maçãs de rosto salientes e cabelos negros, porta um ralo bigode de cor loiro-ruiva. Assim, é de se esperar que também os nossos Coroados brancos, quando se puder um dia estudá-los com mais calma, irão escurecer bastante, como foi, até agora, nos casos de todos os índios “brancos”. No que diz respeito ao garoto Coroados de olhos claros, o autor não chegou a ver um segundo exemplar dessa anomalia. Mas felizmente ele pôde se referir à experiência do merecido pesquisador

do Xingu Karl Von den Steinen que na pág. 179 da sua obra *Entre os povos nativos do Brasil Central*⁷ alega: “Os Trumai têm olhos relativamente claros. Encontramos um Nahúqua de olhos azuis sem nada de especial quanto à cor do cabelo e da pele, o cabelo era negro e bastante liso, etc.”

Assim o mencionado caso do garotinho coroadado também deve ser tratado como uma anomalia. Com relação às expressões brasileiras com que os atacantes se encorajaram mutuamente no avanço, fica completamente incompreensível o motivo dos aparentemente estranhos companheiros dos selvagens, que certamente deveriam falar também a língua deles, de servirem-se justamente aqui do português que nenhum dos selvagens entende, quando teriam um especial interesse de não se trair de maneira tão grosseira. Deve-se tratar de um fenômeno comum a pessoas que, como a maioria dos assaltados, falam uma só língua e, ao ouvirem outro idioma, sempre acreditam ouvir certos palavrões na sua língua materna. Mas também é bem possível que entre os atacantes se encontrasse um ou outro que numa das inúmeras caçadas de índios feitas pelo Coronel Frederico Sanchez Figueredo⁸ em Campos Novos, tivesse caído nas mãos dos brasileiros e pudesse se lembrar de uma ou outra palavra ouvida no tempo em que ficou preso, as quais ele então dirigiu aos atacados não exatamente como lisonja.

Finalmente seja também chamada a atenção que, com exceção do garoto mencionado, em todas as muitas ocupações que por vários lados foram empreendidos contra os Coroados, nunca foram notadas pessoas não indígenas entre os mortos e capturados, que seguramente eram contados as centenas. Aliás, não é fácil entender o que é que poderia motivar um não indígena e principalmente um alemão, a se unir a esta tribo selvagem, sem ser por objetivos científicos ou sociais. As pessoas que não conhecem a vida indígena por experiência própria têm logo a mão uma explicação: eles são criminosos que fugiram da lei. Ora, um criminoso que se submete deliberadamente a tal pena poderia ser absolvido de quase todas as demais. A vida dos silvícolas no sul do Brasil é tão desmesuradamente cheia de miséria e privações, de perseguições e perigo de vida, e o convívio com os selvagens infantis, cabeçudos e teimosos é tão desagradável que um criminoso fugitivo haveria de ser completamente louco para, diante da fronteira próxima de Mato Grosso e Paraguai, onde ele certamente teria uma carreira bem mais promissora, ficar numa horda de índios selvagens condenados ao acaso.

O modo como os assaltos estão sendo executados mostra igualmente que lhes falta qualquer liderança sensata. Ficamos de novo diante de erupções

⁷ VON DEN STEINEN, Karl. *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*. Berlin: Hoefler & Vohsen, 1894 [nota da presente edição].

⁸ Trata-se na verdade do Coronel Francisco Sanchez Figueiredo [nota da presente edição].

de uma sede de vingança bestialmente feroz, mas não de saques que visem a um lucro mais proveitoso possível.

O tempo vai revelar se a presente exposição é procedente ou não. A resistência dos Coroados ainda pode durar anos, mas, apertados por todos os lados, deverão um dia perceber a insensatez da sua resistência e, como no Paraná, Rio Grande do Sul e Argentina, procurarão, até mesmo em São Paulo, negociações que eles no momento ainda refutam numa cegueira teimosa. E então o nosso mundo cultural estará admirando esse grupinho de peles vermelhas que, por tanto tempo, representava o terror do Sertão com ar miserável.

Recebido em 26 de fevereiro de 2013

Aprovado para publicação em 28 de março de 2013

